

INTERSECCIONALIDADE COMO TEORIA SOCIAL CRÍTICA, POR PATRICIA HILLS COLLINS

INTERSECTIONALITY AS A CRITICAL SOCIAL THEORY, BY PATRICIA HILLS COLLINS

Silas Tibério Pereira Linhares¹
orcid.org/0009-0009-0107-5964
Jucilene de Souza Silva²
orcid.org/0009-0000-1581-1285



É importante contextualizar o livro objeto desta resenha no contexto maior da obra de Patricia Hills Collins na Epistemologia Feminista Negra. Em obras como "Pensamento Feminista Negro" e "Learning From the Outsider Within", a autora estabeleceu os fundamentos para uma compreensão mais profunda das experiências das mulheres negras e suas lutas por justiça e igualdade. Em "Pensamento Feminista Negro", Collins (2019) introduziu a teoria da matriz de dominação, destacando a interconexão entre raça, classe e gênero na experiência das mulheres negras, desafiando noções simplistas de opressão. Já em "Learning From the Outsider Within", ela explorou como as mulheres negras internalizam e resistem às mensagens opressivas da sociedade, destacando a importância do conhecimento produzido a partir das margens (Collins, 1986). Nessa perspectiva, "Bem Mais que Ideias" representa uma evolução e uma síntese das ideias anteriores de Collins, oferecendo novas perspectivas e desafios para a compreensão da interseccionalidade como uma teoria social crítica. Sendo assim, ao adentrar na resenha deste livro, é importante reconhecer o rico legado intelectual de Patricia Hill Collins e como suas obras anteriores servem de base para as reflexões apresentadas na obra resenhada.

"Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica", de Patrícia Hill Collins, publicado pela Boitempo em 2022, é uma obra crucial para quem busca entender as estruturas de poder, já que ela amplia os horizontes da teoria da interseccionalidade como teoria social crítica. Collins, uma das autoras renomadas nos estudos de gênero, raça e classe, apresenta uma abordagem sobre como a interseccionalidade pode ser usada como ferramenta de análise crítica das estruturas sociais contemporâneas.

Ela argumenta que a interseccionalidade não é apenas teoria acadêmica, mas também prática política e investigativa. Collins desafia abordagens simplistas das desigualdades sociais, enfatizando a importância de considerar as interseções complexas entre diversas formas de opressão. Uma contribuição significativa do livro é destacar a necessidade de uma análise interseccional que vá além da descrição de interseções de identidades, incorporando uma perspectiva histórica e contextualizada sobre as relações de poder.

1 Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: silas.tiberio@hotmail.com

2 Doutoranda em Ciências Sociais; Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jucissilva1984@gmail.com

Collins oferece *insights* sobre como a interseccionalidade pode informar diversas áreas, desde a sociologia até política pública, enfatizando sua importância na luta por justiça social. O livro é uma leitura relevante para estudiosos e ativistas interessados em compreender e desafiar as estruturas de poder e desigualdade na sociedade, reforçando a interseccionalidade como ferramenta vital para análise crítica e transformação social.

No capítulo um de *Bem Mais que Ideias: A Interseccionalidade como Teoria Social Crítica*, a autora oferece uma introdução envolvente à interseccionalidade como uma abordagem essencial na análise crítica das estruturas sociais contemporâneas. Collins contextualiza a origem da interseccionalidade desde os movimentos sociais liderados por mulheres negras e feministas até sua consolidação como uma teoria amplamente reconhecida. Ela enfatiza que a interseccionalidade não é apenas uma teoria abstrata, mas uma ferramenta prática e política para entender as complexas interações entre raça, gênero, classe e outras formas de identidade e opressão.

Uma contribuição significativa é a ênfase de Collins na necessidade de uma análise interseccional que vá além da simples descrição das interseções de identidades, incorporando uma perspectiva histórica e contextualizada. Ela destaca como a interseccionalidade pode informar e transformar diversas áreas de estudo e prática, como sociologia, política pública, ativismo e pesquisa acadêmica, desafiando as estruturas de poder dominantes e promovendo maior inclusão e equidade na sociedade.

No segundo capítulo do livro, a autora oferece uma análise aprofundada sobre os princípios essenciais da teoria social crítica e sua relação com a interseccionalidade. Collins começa examinando as raízes da teoria social crítica nos trabalhos de pensadores como Marx, Weber e Du Bois, argumentando que, embora valiosas, essas análises muitas vezes falharam em integrar adequadamente as interseções de raça, gênero e outras formas de identidade e opressão.

Um ponto significativo é a crítica de Collins às abordagens teóricas que negligenciam ou minimizam as experiências de pessoas marginalizadas, enfatizando a necessidade de uma teoria social crítica inclusiva que valorize suas vozes e experiências. Collins também discute a importância da prática reflexiva na teoria social crítica, destacando a necessidade de uma análise que busque transformar as estruturas de poder existentes. Ela enfatiza a importância de uma abordagem interseccional que integre ideias de diferentes campos de estudo e vá além das fronteiras disciplinares.

No terceiro capítulo, Collins explora a interseccionalidade como uma ferramenta poderosa para desafiar paradigmas de conhecimento dominantes e construir projetos de conhecimento resistente. A autora destaca a interseccionalidade não apenas como uma teoria acadêmica, mas como uma abordagem que pode informar e transformar a prática social e política. Ela argumenta que os projetos de conhecimento resistente incorporam uma análise interseccional, reconhecendo e valorizando as experiências das pessoas marginalizadas para desafiar narrativas dominantes e estruturas de poder existentes.

O capítulo abordado realça a discussão sobre como esses projetos podem ser aplicados em ativismo social, pesquisa acadêmica e políticas públicas, fortalecendo assim a compreensão das questões sociais complexas. Collins também enfatiza a importância da

colaboração e do diálogo interdisciplinar na construção desses projetos, reconhecendo a interconexão entre as diversas formas de opressão e identidade.

O capítulo quatro sublinha o papel da interseccionalidade na resistência epistêmica, tanto dentro do ambiente acadêmico quanto além dele. Ela destaca a importância de reconhecer e desafiar as normas e práticas acadêmicas que frequentemente marginalizam e silenciam as vozes das pessoas marginalizadas, argumentando que a interseccionalidade oferece uma lente crítica para entender e confrontar essas dinâmicas, promovendo a resistência epistêmica.

Uma perspectiva significativa, nesse capítulo, é a contribuição com o debate sobre como a interseccionalidade pode informar e transformar a produção de conhecimento acadêmico, desafiando pressupostos e categorias tradicionais de análise para uma compreensão mais completa das questões sociais complexas. Além disso, Collins destaca a importância de reconhecer e valorizar as formas de conhecimento produzidas fora do ambiente acadêmico, especialmente aquelas geradas por comunidades marginalizadas, argumentando que a interseccionalidade pode amplificar essas vozes e perspectivas, promovendo maior inclusão e diversidade no discurso acadêmico.

O quinto capítulo traz a análise da interseccionalidade como uma ferramenta para compreender e fortalecer comunidades marginalizadas. Collins ressalta a relevância de reconhecer as experiências únicas e interseccionais das pessoas dentro de suas comunidades, argumentando que a interseccionalidade oferece uma lente crítica para entender e enfrentar as complexidades das formas de opressão que afetam diferentes grupos dentro de uma comunidade. Assim, o capítulo enfatiza a colaboração da autora com a discussão sobre como a interseccionalidade pode informar e fortalecer os movimentos de base e o ativismo comunitário, criando espaços mais inclusivos e empoderadores.

A autora também realça a importância de reconhecer as interconexões entre diferentes formas de opressão e identidade dentro das comunidades, argumentando que uma abordagem interseccional pode promover maior solidariedade e apoio mútuo entre os membros da comunidade, fortalecendo sua capacidade de resistir e enfrentar as injustiças sociais.

O sexto capítulo traz a explanação de Collins sobre a relação entre interseccionalidade e liberdade em contextos sociais diversos. Ela destaca que liberdade não é apenas ausência de restrições, mas também capacidade de viver plenamente. A interseccionalidade, segundo Collins, oferece uma lente crítica para entender como diversas formas de opressão e identidade afetam tanto a liberdade individual quanto a coletiva.

Collins discute como a interseccionalidade pode informar e fortalecer movimentos de libertação e resistência, promovendo uma compreensão mais profunda das interseções de raça, gênero, classe e outras formas de opressão. Além disso, ela destaca a importância de reconhecer as diferentes formas de liberdade emergentes dentro de comunidades marginalizadas, promovendo maior autonomia e empoderamento.

No sétimo capítulo da obra, a autora aborda o conceito de relacionalidade dentro do contexto da interseccionalidade. Ela destaca a importância de reconhecer as interconexões

e interdependências entre diferentes formas de opressão e identidade, argumentando que a interseccionalidade oferece uma lente crítica para entender como essas interações moldam as experiências individuais e coletivas em contextos sociais complexos e diversificados. Nesse capítulo, Collins destaca o debate sobre como a relacionalidade pode informar e transformar a prática social e política. Ela ilustra como uma abordagem interseccional pode promover maior solidariedade e empatia entre diferentes grupos, fortalecendo sua capacidade de resistir e enfrentar as injustiças sociais. Além disso, destaca a importância de reconhecer as complexidades das relações sociais e a necessidade de uma análise interdisciplinar.

No oitavo e último capítulo do livro, Collins questiona se a interseccionalidade pode existir sem a busca pela justiça social. Ela examina como essa abordagem pode ser cooptada ou esvaziada de sua dimensão política e transformadora, resultando em uma análise superficial que não enfrenta as raízes estruturais da opressão. Collins enfatiza que a interseccionalidade é, por natureza, uma teoria social crítica que visa desafiar as estruturas de poder existentes e promover a justiça social. Ela destaca que uma abordagem interseccional genuinamente comprometida com a transformação social deve ir além da simples descrição das interseções de identidades e deve buscar ativamente desafiar e transformar as estruturas de poder que perpetuam a injustiça.

Um ponto-chave do capítulo é a discussão sobre como a interseccionalidade pode perder sua dimensão política e transformadora, tornando-se uma lista de identidades sem considerar as relações de poder e as estruturas de opressão que afetam as pessoas. Collins também destaca a importância de reconhecer e confrontar as tentativas de cooptação da interseccionalidade por parte das instituições dominantes, argumentando que uma abordagem interseccional autêntica deve estar enraizada na luta por transformações estruturais e institucionais que promovam a igualdade e a equidade para todos.

Portanto, o livro *Bem Mais que Ideias: A Interseccionalidade como Teoria Social Crítica* de Patricia Hill Collins oferece uma análise profunda sobre o papel da interseccionalidade na compreensão e transformação das estruturas sociais contemporâneas. Collins destaca a importância de reconhecer as interconexões entre formas de opressão e identidade, explorando temas como resistência epistêmica, experiência comunitária, relacionalidade e liberdade. Ela adverte sobre os perigos de uma interseccionalidade desprovida de justiça social e enfatiza a necessidade contínua de uma abordagem comprometida com a igualdade e equidade para todos. Além disso, sugere-se uma perspectiva crítica que pode ser adicionada ao debate proposto pelo livro, destacando a análise das contribuições de outras autoras negras, como Lélia Gonzalez, para o desenvolvimento da teoria interseccional. Gonzalez (2020) desafiou as estruturas de poder dominantes em sua análise das interseções de raça, gênero e classe, enriquecendo e ampliando a compreensão da interseccionalidade como uma ferramenta crítica de análise social.

Ao considerar a colaboração de Lélia Gonzalez para o debate sobre interseccionalidade, é importante reconhecer que, enquanto a obra de Patricia Hill Collins reflete amplamente a experiência dos Estados Unidos, existem reflexões similares no Sul Global

que enriquecem o diálogo teórico sobre essa temática. As contribuições de Gonzalez para esta discussão, é possível ampliar o escopo do diálogo teórico sobre interseccionalidade e reconhecer as diversas perspectivas e experiências que moldam essa análise. Incorporar as reflexões nacionais enriquece nossa compreensão da interseccionalidade, especialmente ao considerar as complexidades das relações de poder em diferentes contextos sociais e culturais. Para finalizar, é fundamental reconhecer a importância de incluir vozes marginalizadas e perspectivas nacionais nesse debate, visando superar possíveis hierarquias de conhecimento e oferecer um diálogo teórico mais abrangente e robusto também no nosso meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Learning from the outsider within: The sociological significance of Black feminist thought. **Social problems**, [s. l.], v. 33, n. 6, p. 14-32, 1986. Disponível em: <https://academic.oup.com/socpro/article/33/6/s14/1610242>. Acesso em: 4 abr. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

(Recebido para publicação em 5 de março de 2024)

(Reapresentado em 14 de março de 2024)

(Aprovado para publicação em 18 de março de 2024)